

## apontamentos breves

por ALVES COSTA

### Só vivemos uma vez — um filme de Fritz Lang

É um pouco mania nossa fazer côro de lamentações quando um bom realizador europeu parte para a América. E se no seu passado conta algumas obras de grande merecimento, então é um choro pegado. Ora, se muitas vezes um realizador europeu, por insuficiência de adaptação ou por falta de à-vontade, prêso na limitação da engrenagem industrial do cinema americano (é o caso de Stiller, de Pabst, de Feyder) não consegue manter-se à altura do seu brilhante passado, a verdade é que, muitas vezes também, não queremos reparar que nesse passado caíram as nódoas de muita coisa sem valor e sem interesse (e este é o caso de Fritz Lang) ou então esquecemo-nos voluntariamente que foi na América que alguns realizadores europeus fizeram alguns dos seus melhores filmes (como no caso de Victor Sjöstrom e Ernst Lubitsch).

Por agora interessa-nos apenas Fritz Lang, criador fecundo, personalidade artística muito curiosa, com grandes defeitos e grandes qualidades e cuja obra irregular vai desde o fantástico grandioso de *Os Nibelungos*, à vulgar aventura policial de *Os Espiões*.

Há certas tendências bem nítidas na obra de Fritz Lang: o gosto pelo simbolismo (sobretudo em *Metropolis*) e pelo macabro (sobretudo em *A Morte Cansada*), a queda para os casos de aberração (*Mabuse, Matou!*) e ainda para a fantasia (em *Metropolis*, em *A Mulher na Lua*, sem originalidade, e em *Liliom*, hesitante e desconcertada). E em todos os seus filmes, bons e maus, feitos na Europa, as mesmas características: violência de expressão, procura de originalidade e de detalhes com significação marcante e valor simbólico, certa grandiloquência, um certo lirismo, por vezes, e um enorme poder animador.

Que vamos nós encontrar no Fritz Lang de agora? Veja-se o seu novo filme feito na América *Só vivemos uma vez*.

Se *Fúria* já não nos deixará grandes inquietações, *Só vivemos uma vez*, deve tranquilizar-nos por completo. É um filme muito bem feito. Não trará na sua técnica impecável, concordo, nada de verda-

deiramente novo, mas a «marca» de Fritz Lang lá está bem sublinhada, muito embora a influência americana tenha abrandado a força, a pujança, a brutalidade dos seus filmes feitos na Alemanha. Não há em Fritz Lang perda de personalidade. Há apenas evolução natural.

Na Europa, um dos grandes erros de Fritz Lang era telmar em servir-se dos temas pretenciosos de Thea von Harbon. Na América, felizmente, deram-lhe agora um assunto simples, muito embora pouco novo, mas honesto, humano e bem intencionado. Acusação clara contra a injustiça social e o egoísmo dos mais felizes, a história conta-se em duas palavras: É a luta desesperada dum homem que uma vez foi condenado por um crime sem grande importância e que sinceramente deseja reabilitar-se. Mas ninguém lhe oferece uma oportunidade. A primeira condenação pesa-lhe para toda a vida. Todos cor-

rem com êle, que só quer ganhar a vida honradamente e ser feliz como os outros. Por fim condenam-no por um crime que não cometeu. Implacáveis (colsa grotésca), quando ele finge tentar suicidar-se, não querem que morra... porque dali a horas tem de sentar-se na cadeira eléctrica. Revoltado contra tanta injustiça, foge; e no desespero da fuga mata—e mata justamente aquele que nunca lhe fizera senão bem... Depois, é uma nova vida, como que para além da própria vida, fugindo, fugindo sempre, fóra da lei, em sobressalto contínuo. Mas não escapará e a dois passos da fronteira as balas da polícia, prevenida a tempo, abatem-no como a um cão.

Teria sido um homem bom, honesto, feliz na sua modesta casita comprada a prestações. E porque uma vez deu um passo em falso e nunca mais ninguém lhe estendeu a mão para o mais pequeno amparo, fizeram dêle um assassino.

Só a morte o virá libertar.

Podemos queixar-nos de que esta história não tenha sido contada em profundidade. O drama íntimo é dado muito pela rama e apenas apontado pelos seus reflexos exteriores. Mas o estilo vigoroso de Fritz Lang, em que há a costumada riqueza de detalhes bem marcados (repare-se, por exemplo, na cena das rãs) e que recordam as suas melhores produções, dá a este tema um pouco replasado, relêvo, grandeza e emoção.

Um desempenho primoroso de Harry Fonda e Silvia Sydney, valoriza incontestavelmente este filme notável que não poderá ver-se a frio porque oprime, faz pensar e fere certo.

Não vejo, pois, razão para chorar pelo passado de Fritz Lang. Se os seus dois filmes feitos na América não valem alguns dos seus filmes feitos na Europa, também os não valem *Os Espiões* ou a *Mulher na Lua*... Portanto...

## O Rei dos Optimistas

Há poucos dias esteve em exibição, num dos cinemas do Pôrto, um filme de Maurice Tourneur, «O Rei dos Optimistas», que eu não posso deixar passar sem aqui manifestar publicamente a minha indignação, perante uma história tão miserável e tão atrevidamente impudente.

O título original dêste filme, vil e inqualificável, era: «Avec le Sourire». O tradutor mudou-o para «O Rei dos Optimistas», mas devia com mais justeza ter-lhe chamado «O Rei dos Aldrabões», porque toda a história não é mais do que a glorificação da falta de carácter, da vigarice, da ingratição, da sem-vergonha, do atropêlo e da mentira. Não tem sentido crítico nem espirito satírico.

Eis o argumento: Victor (Maurice Chevalier) é um simpático malandro que chega da provincia disposto a

subir na vida por todo o preço e por todos os meios, mesmo os mais baixos. Primeiro rouba um cão para o devolver ao dono e receber as alviças. Depois rouba o emprego a um desgraçado porteiro de teatro. Está iniciada a sua brilhante carreira. Analfabeto mas atrevido e arguto, aldrabando todos os que conquista com o seu ar agradável de «bon garçon», dentro em breve consegue correr com o secretário da empresa onde trabalha e tomar o seu lugar. Com nova aldrabice, lança como grande vedeta uma corista sem qualidades. Aproveitando-se de todas as oportunidades e da ingenuidade dos outros, não tarda a ser sócio do proprietário-empresário do teatro, um excelente velho, honesto e bom, que sempre o tem ajudado e que nêle confia inteiramente. Mas êste, mesmo, não escapa. Sem a menor es-

pécie de escrúpulos armam-lhe uma cilada em que o velho se estatela. E o patife, passando por cima de tudo e de todos, amigos e adversários, venceu na vida! Conclusão: para vencer basta muita ingratição, muita desonestidade, muita desonestidade trapalhice e um sorriso...

Como o Victor do filme, há muita gente. Por isso, todos os vigaristas, todos os aldrabões profissionais, todos os desavergonhados que vivem do atropêlo, da intriga e da intrugice, devem ter ficado radiantes se foram ver «O Rei dos Optimistas». Até aqui, mesmo nos filmes de «gangsters» ou de assuntos escabrosos, a moral, a honra, a honestidade, o dever, a justiça triunfavam sempre ou, pelo menos, os crimes e as patifarias eram apontadas como tal. Até que enfim a deshonsetidade é glorificada... «avec le sourire», com cantiguinhas e tudo.